



## EDITORIAL

### **CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA COMPLEXA DE JUNG: das expressões espirituais originárias às nascentes interculturais**

***CONTRIBUTIONS OF JUNG'S COMPLEX PSYCHOLOGY:  
from original spiritual expressions to intercultural sources***

***CONTRIBUCIONES DE LA PSICOLOGÍA COMPLEJA DE JUNG:  
de las expresiones espirituales originarias a las fuentes interculturales***

**Soraya Cristina Dias Ferreira\***

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais  
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião  
Belo Horizonte, MG, Brasil  
E-mail: sorayacdferreirapb@gmail.com  
ORCID: [0000-0003-1294-9929](https://orcid.org/0000-0003-1294-9929)

## 1 INTRODUÇÃO

Carl Gustav Jung, psiquiatra, psicólogo, escavador da natureza psíquica, pioneiro na forma analítica de estudar os eventos mentais, o funcionamento autônomo das funções psíquicas, as desenvolturas que constituem a personalidade e a interação do humano com sua vida interior circundada pelo macrocosmo, dentre outros fatores que o levam ao insight da criação de sua inovadora teoria da Psicologia Complexa, nasceu em 26 de agosto de 1875 e fez sua passagem em 1961.

No entanto, ainda que não esteja vivendo em nosso tempo pós-moderno, no qual abordamos a temática decolonial que clama por degradês empáticos para a consolidação de boas relações interculturais, o autor nos insere em compreensões que

---

\* Doutorado e mestrado em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Especialização em Psicologia Analítica pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Graduação em Psicologia pela Universidade FUMEC.

nos auxiliam no entendimento da natureza humana em desenvolvimentos psicossocioculturais espirituais diversificadas, o que nos abre para novos empreendimentos científicos, reflexivos e posturas relacionais.

Ao abordar as complexidades da energia psíquica, Jung nos auxilia não só na atuação clínica, mas também na problematização da psicologia enquanto ciência a favor da formação do humano integral que revigora sua saúde mental em teias relacionais, nas quais forças pessoais (intrassubjetivas), coletivas (intersubjetivas) e imagéticas (arquetípicas)<sup>1</sup> se comunicam nas entranhas da alma.

Jung nos alerta de que expressões mitológicas, religiosas, culturais, artísticas, dentre outras, apresentam também padrões de comportamento que podem ser apreendidos, refletidos e inseridos no entendimento fenomenológico empírico presente nas realidades da dinâmica psíquica. Neste sentido, não cabe às/aos psicólogas/os se ampararem em ideias e práticas que, ao moldarem (infectarem) o campo científico, consolidam concepções de humano denominadas de *Psicologia sem alma*.<sup>2</sup> Precisamos estar atentos ao fato de que,

Enquanto a Idade Média, a Antiguidade Clássica e mesmo a humanidade inteira desde seus primórdios acreditavam na existência de uma alma substancial, a segunda metade do século XIX viu surgir uma psicologia ‘sem alma’. Sob a influência do materialismo científico, tudo o que não podia ser visto com os olhos nem apalpado com as mãos foi posto em dúvida, ou pior, ridicularizado, porque era suspeito de metafísica. Só era ‘científico’ e, por conseguinte, aceito como verdadeiro, o que era reconhecidamente material ou podia ser deduzido a partir de causas acessíveis aos sentidos. Esta mudança radical não começou com o materialismo científico, mas foi preparada desde longa data (Jung, 2011, v. 8/2, § 649, p. 295).

Jung intuía que o passo para desmistificar estas ideias e práticas reducionistas, provavelmente provenientes de uma época dominadora, encontra-se na investigação do fluxo das vivências da consciência originária, analisando-as em seus diversos matizes (psicofísicas e espirituais). Tendo em vista o humano como seu próprio objeto de estudo, torna-se necessário o entendimento de que a palavra objeto, do latim *objectum*, refere-se não apenas às coisas materiais (causais), mas também às dimensões

---

<sup>1</sup> O conceito de *Archetypus* na Psicologia Complexa refere-se às necessidades compulsórias, aos instintos, a possibilidades herdadas pela humanidade psíquica. Como energia autônoma, as imagens arquetípicas (primordiais) não fazem parte nem da consciência, nem do inconsciente pessoal, mas sim do inconsciente coletivo ao retomar ‘expressões condensadas do processo vivo’, conforme evidencia Jung em seu livro *Tipos psicológicos* (2011, v. 6).

<sup>2</sup> Expressão utilizada pela primeira vez por *Friedrich Albert Langes* (1828–1875), ao questionar o objeto da Psicologia (teoria da alma) e apresentar como saída uma ligação processual entre cérebro e alma.

imateriais (acausais), que se manifestam na natureza psíquico-física-religiosa, espiritual e mística presente em vivências transcorridas ao longo da história da humanidade.

Desta forma, os escritos de Jung, ao nos despertarem para integrações e segregações da experiência humana, nos auxiliam também no entendimento dos condicionamentos da ótica desenvolvimentista que se estende do colonialismo até a pungente força da colonialidade do poder, refletida histórica e diretamente no âmbito da consciência geral.

Tentando despertar o humano para a consciência da sua complexa natureza psíquica, que, em detrimento do uso da razão e do poder, negligenciou as vicissitudes simbólicas em prejuízo das coisas materiais (causais), constata-se que o surgimento de uma ordem condicionante que sufocou a ordem natural de muitas civilizações aprisionou de forma estanque linguagens imagéticas pertencentes à autonomia da natureza psíquica.

Este discurso, que se estende desde a criação da incipiente ciência da psicologia, que, mediante os conflitos psicológicos que geram sofrimentos, não pode se omitir, ainda é encontrado em atuações psicológicas pós-modernas que fortalecem o empobrecimento das expressões da alma. Como ressaltado no artigo *Descolonizar o pensamento: sobre a colonialidade da psicologia*,

quando pensamos em práticas decoloniais dentro do saber psi, como em todas as outras áreas de conhecimento, precisamos reconhecer essas práticas de apagamento simbólico que silenciaram os povos originários. Isso significa resgatar a memória da colonização e identificar os traços que foram introjetados nos povos do hemisfério sul por esse sistema (Moura, Teixeira, 2022, p. 110).

A colonização não é uma questão puramente objetiva, de ordem política, social e cultural, mas principalmente de ordem ontológica; um retorno ao que somos como *experiência de ser* é fundamental para a compreensão de práticas interculturais. Assim como Jung, o autor Giddens também faz um resgate da natureza humana, destacando a consciência reflexiva para resolução dos conflitos intersubjetivos, e nos esclarece que “A vida de fato é construída em termos da necessidade antecipada de enfrentar e resolver tais fases de crise, pelo menos onde a consciência reflexiva do indivíduo for altamente desenvolvida” (Giddens, 2002, p. 139).

Para a Psicologia Complexa (Analítica), quando o eu alcança maior domínio sobre o que desconhece, ao aceitar elementos construtivos de sua própria natureza

humana, ele se depara com forças autônomas presentes em sua subjetividade, mas também nas múltiplas linguagens de expressão que solidificam a riqueza dos aspectos simbólicos vivos no solo social das manifestações religiosas, espirituais e místicas. Estas diversas expressões do viver reforçam a importância de tornar o conhecimento e as relações humanas uma transmissão vivaz capaz de facilitar e proporcionar, em qualquer tempo e lugar, interações intersubjetivas e interculturais empáticas.

No entanto, é nesta tênue linha do tempo cronológico que o chamado processo histórico sociocultural com suas nuances racionais e de poder, sufocou a capacidade relacional de vivências psíquicas espirituais diferenciadas, impondo ao humano não só uma pseudo-ordem cultural religiosa, mas um caos materialista que ao segregar civilizações ctônicas e comunidades colonizadas, reforça a atuação de pares de opostos entre civilizações primordiais e modernas, ciência e fé, fenômenos metafísicos e empíricos, dentre outras manifestações cujos pares de opostos são necessários para compor o entendimento da nossa *alma mundi*.

Análises mais minuciosas apontam que cisões psíquicas continuam alimentando complexas cicatrizes, ou seja, alimentando diversificados conflitos psicológicos que ainda perduram na vida prática de seus descendentes, pois as novas formas do humano atuar no mundo pós-moderno não disseminaram a primazia de constructos objetivos que esmaecem importantes linguagens imagéticas presentes na natureza humana. Este desenvolvimento relacional involutivo e evolutivo, quando compreendido no esforço do conhecimento da psicologia profunda de Jung, expõe o cuidado que devemos ter com as forças que ganham vida subjetiva e coletiva, por serem estas manifestações da totalidade psíquica, que, apesar de não ser um estado de perfeição, é um importante estado de inteireza.

Observa-se que quando a energia psíquica de uma civilização não flui, o ser humano continua demandando a transmissão de suas entranhas, pois nem o torpor relacional irresponsável consegue paralisar a força das múltiplas linguagens de comunicação, que podem ser verbais, imagéticas, autônomas e infinitas, por conter em sua natureza o germe inovador da criação que nos aponta para o resgate de caminhos transformacionais, ou seja, para horizontes de sementes que mesmo sufocadas não deixam de germinar por serem fenômenos de originalidades autônomas, presentes nas profundidades da alma individuada<sup>3</sup> que neste estado se doa para compor os elementos

---

<sup>3</sup> Importante ressaltar que individuação (*Principium individuationis*) é um conceito utilizado por Jung que diz respeito ao processo de tornar-se si mesmo reconhecendo o movimento que provém do interior. Para Jung, a totalidade do ser é alcançada através do processo de aproximação do *Selbst* (Si-

negligenciados.

E então, mediante algumas tendências racionais, dedutivas e reducionistas do pensamento humano, embebido de modelos do mundo europeu, que Jung se destaca com sua proposta de equiparação aos negligenciados elementos da fluida *alma mundi*. Ao nos apresentar a construção de sua *fenomenologia construtiva empírica da psique*, Jung aponta-nos caminhos transformacionais que podem proporcionar entendimentos de amplificação, reaprendizagens que deslocam aspectos religiosos confessionais de poder em degradês psíquicos relacionais de respeito intersubjetivos, que se estendem às nascentes interculturais que acolhem o humano religioso, espiritual e místico.

Ao buscarmos refletir sobre a natureza humana em sua práxis intrassubjetiva e intersubjetiva, pretendemos demonstrar que é por meio do humano que novos processos podem reforçar os atuais apontamentos interseccionais, decoloniais e interculturais. Horizontes que não apenas apresentam questões, pois os degradês interculturais, ao dar ouvido aos *gritos* que clamam por acolhimentos, renascimentos éticos e empáticos, suscitam uma expansão do ser humano através das suas múltiplas linguagens expressivas do viver, aproximando harmonicamente o mundo espiritual do mundo objetivo, religando a natureza humana ao tecido plural que consolida respeitosa sua espécie: a *alma mundi*.

## **2 PARA ONDE CAMINHA O SENTIDO DA HUMANIDADE**

Sob condições adversas, caminha nossa humanidade e estas continuam e sempre continuarão sendo interceptadas pelas narrativas individuais e coletivas, por forças que reivindicam certa *enantiodromia*<sup>4</sup>, ou seja, uma harmoniosa junção dos contrários que unificam estados conscientes e inconscientes na realidade da natureza psíquica, em prol de respostas assertivas para o caos relacional que se instalou desde os tempos primordiais.

Observador da Psicologia Profunda, na qual Carl Gustav Carus (1789–1869)

---

mesmo) – (incognoscível), mas primeiramente isso requer infinitas aproximações entre a consciência, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. Até que, em estado de inteireza (mundo interno <=> mundo externo), o centro/do ser individuado seja realmente reconhecido (Ferreira, 2024, p. 37).

<sup>4</sup> Transpondo este conceito do filósofo Heráclito de Éfeso (540 a.C.) para a linguagem conceitual de sua Psicologia Complexa, Jung nos apresenta a força da função transcendente na energia da natureza psíquica. Esta função pode provocar certa unicidade entre os eventos das instâncias da consciência, do inconsciente pessoal e do inconsciente coletivo (regido por imagens arquetípicas que nos revelam a espontaneidade da alma).

afirma existirem na essência psíquica bases inconscientes e adepto da ideia de que a consciência nasce do inconsciente, Jung busca em sua bagagem intelectual, em sua *autoexperimentação* (descida ao inconsciente) e em sua forma de capturar expressões do vivido, meios inusitados para validar suas pesquisas científicas. Itinerário que culmina na construção da sua Psicologia Complexa, descrita através dos elementos conceituais que descrevem sua fenomenologia empírica da psique.

Segundo essa concepção, a natureza da energia psíquica apresenta fenômenos funcionais de caráter *instintivo*/conservador/autônomo e *compulsivo*/cego que se desintensificam quando em correspondência ela atinge a *partie supérieure*, abrindo-se para fins que mudam o curso não da substância instintiva, mas da sua aplicação (Ferreira, 2024, p. 341).

Como supracitado, ciente de que toda observação científica e interatividades são realizadas pelas limitações do humano que observa a si mesmo, Jung nos alerta para o fato de que “[...] nossa personalidade, que, como sabemos, é muito pouco conhecida por nós mesmos, desempenha papel decisivo na determinação do como e porquê das associações” (Jung, 2011, v. 2, § 887). Estas associações podem ser massificadoras quando o humano, ao priorizar o lado sombrio de sua personalidade, obscurece aberturas que possibilitam relações coletivas positivas. Nestes casos, torna-se importante o reconhecimento de que

a sombra não consiste apenas de omissões. Apresenta-se muitas vezes como um ato impulsivo ou inadvertido. Antes de se ter tempo para pensar, irrompe a observação maldosa, comete-se a má ação, a decisão errada é tomada e confrontamo-nos com uma situação que não tencionávamos criar conscientemente. Além disso, a sombra expõe-se, muito mais do que a personalidade consciente, a contágios coletivos. (Jung, Franz, 1977, p. 169)

Portanto, funcionabilidades instintivas conscientes e inconscientes continuam reforçando fragmentações, dissociações, repetições históricas que acentuam desigualdades e invisibilidades coletivas, justamente por reforçar contágios de poder que demarcam relações de exploração e desigualdades que durante séculos impedem o florescimento de ações libertadoras.

Em seu livro *Civilização em Transição*, Jung analisa movimentos sociais e culturais que impactaram o século XX. Quais são os valores do nosso mundo moderno e por que, de certa forma, a massificação obscurece as grandes inovações? O que é transitar entre passado, futuro e presente? O que faz o humano entrar em conflito entre o mundo material (objetivo) e as orientações advindas do espírito (fenômenos acausais) presentes na natureza psíquica, mesmo antes do reconhecimento da

psicologia como ciência da alma e/ou mente? Segundo Jung, é importante considerarmos que

Do ponto de vista da psique, o mundo ocidental se encontra numa situação crítica, e o perigo será ainda maior se preferirmos as ilusões de nossa beleza interior à verdade mais impiedosa. O homem ocidental vive numa espessa nuvem de autoincensação para dissimular seu verdadeiro rosto (Jung, 2011, v. 10/3, § 183, p. 99).

Através do tempo, os ciclos da mãe-terra vão compondo mais que histórias retratadas em rostos conhecidos devido à natureza humana adocida pelas facetas do poder e/ou obstinações errôneas, que impedem o reconhecimento de integrações relacionais positivas. Na junção dos meios internos e externos, não nos faltam massificações que impossibilitam relações de homogeneidade, apesar das diferenças.

Neste sentido, Jung nos alerta também para a importância do cumprimento responsável que se efetiva através do processo de *individuação* (tornar-se si mesmo, rumo ao Self/Totalidade psíquica), que, por não ser a unidade última, amplifica não só a consciência individual, mas também desperta o humano para sua participação coletiva e espiritual, compondo, assim, unitivamente a dinâmica obscura da *alma mundi*, ou seja, integrando-o aos aspectos suprapessoais.<sup>5</sup> Seguindo esta mesma linguagem integradora, Gilberto Simondon enfatiza em seu livro *A individuação à luz das noções de forma e de informação* que o sentido unificador da humanidade está nos seres individuados, ou seja,

Pode-se afirmar que existe uma relação do coletivo e o espiritual, mas essa relação não está nem no nível do interindividual, nem no nível do social natural, caso se entenda por social natural uma reação coletiva da espécie humana às condições naturais da vida, por exemplo através do trabalho. Aquilo que se utiliza da realidade já individuada, somática ou psíquica, não pode definir a espiritualidade. É no nível do transindividual que as significações espirituais são descobertas, não no nível do interindividual ou social. O ser individuado porta consigo um possível porvir de significações relacionais a serem descobertas: é o pré-individual que funda o espiritual no coletivo. O coletivo é uma individuação que reúne as naturezas que são portadas por vários indivíduos, mas não contidas nas individualidades já constituídas desses indivíduos; isso porque a descoberta do coletivo é, de uma vez, só, transcendente e imanente relativamente ao indivíduo anterior; ela é contemporânea à nova personalidade de grupo, da qual o indivíduo participa através das significações que descobre, isto é, através de sua natureza; mas essa natureza não é verdadeiramente natureza de sua individualidade; ela é natureza associada ao seu ser individuado; ela é remanência da fase primitiva e original do ser na segunda fase, e essa remanescência implica tendência para uma terceira fase, que é o coletivo; o coletivo é uma individuação das naturezas jungidas aos seres individuados (Simondon, 2020, p. 454-456).

Dessa forma, a história da humanidade, desentoadada ou afinada, vai compondo

---

<sup>5</sup> O termo está sendo empregado como essência primeira (Princípio transcendente) que em tudo habita no horizonte móvel e imóvel do Universo (macrocosmo).

a sinfonia da *alma mundi*. Se o coletivo reúne os indivíduos, estes precisam buscar estados de consciência que consolidem o seu processo de individuação na reciprocidade que constitui o destino da humanidade. Por mais que estas interfaces psicossocioculturais, religiosas e espirituais, sejam por desconhecimento renegadas, incompreendidas e sufocadas em suas vastas manifestações, James Hollis (2004) nos alerta que a proposta de Sócrates de que a vida tem de ser examinada continua atual, pois

ao mesmo tempo que alguns dias preferimos ser simplesmente vegetais felizes e livres de nossas urgências, nossas ansiedades e nossos desejos impossíveis, também sofremos muito quando não estamos vivendo a vida que a psique deseja que vivamos. Tal má-fé existencial sempre vai exigir um pagamento — no corpo, em nossos relacionamentos, em nossos sonhos perturbadores, ou no fardo que nossos filhos terão de carregar por nós (Hollis, 2004, p.15).

Portanto, o sentido da humanidade deve caminhar dentro do sentido existencial, para, assim, reconectar todos nos ciclos de uma mesma mãe-terra, na qual sua respiração pulsa conforme a harmonia e o descontrole da humanidade que ao tentar dominá-la perde a riqueza pulsante de suas fontes originárias. Estas por serem parte do sentimento e da intuição, continuam clamando não apenas pela sua existência, mas para, através das diversas expressões da alma, coexistirem responsável e empaticamente no sentido participativo que unifica o ser individuado à dinâmica do macrocosmo.

### **3 EXPERIÊNCIAS ORIGINAIS QUE ORDENAM A ENERGIA PSÍQUICA**

Consciente dos pontos obscuros presentes nas crescentes dissociações que englobam e impactam o desenvolvimento da humanidade na dinâmica da Mãe-Terra, na qual o humano participa como microcosmo, Jung ressalta em seu livro *A natureza da psique* que aos povos primordiais foram impostos movimentos estanques, na tentativa de conter uma série de experiências originárias, mesmo sendo estas energias impossíveis de serem aniquiladas no dinamismo da energia psíquica. Percebe-se que este fato se dá devido a uma série de investimentos libidinais promovidos pelo humano supostamente reconhecido como civilizado, que com suas lentes dita e continua ditando regras do como viver e conviver. No entanto,

como há *uma* só Terra e o Oriente e o Ocidente não conseguiram rasgar a humanidade *una* em duas metades, a realidade psíquica mantém a sua unidade original e espera que a consciência

humana progrida da crença em uma e da negação da outra realidade, para o reconhecimento das duas como elementos constitutivos de *uma* só alma (Jung, 2011, v. 8/2, § 682, p. 311).

Compreendemos, aqui, através das experiências originais que ordenam a natureza da energia psíquica, que muitos dos fenômenos que hoje ainda se manifestam como variantes das ideias primitivas e das imagens primordiais<sup>6</sup>, como por exemplo a força das magias, dos rituais indígenas e africanos, da religiosidade popular, da difícil unicidade entre *anima* e *animus*<sup>7</sup>, das articulações linguísticas, dentre outras, são expressões mais profundas da alma humana.

Estas forças provenientes da totalidade psíquica do *Selbst* (Si-mesmo) não se detêm em fronteiras geográficas, na cor da pele, nas diferenciações entre o feminismo branco e negro, nos complexos autônomos individuais e coletivos, ou na primazia do intelecto. Experiências psíquicas são expressões da alma que contínua e atemporalmente pulsam por serem patrimônio da humanidade, receptáculo de símbolos vivos (inconscientes) que desvelam linguagens imagéticas herdadas, cujo humano ‘civilizado’ mesmo dando ênfase à razão, não consegue extinguir de sua própria essência.

Buscando religar natureza psíquica e *Unus mundus* (mundo unificado), a teoria junguiana desperta na humanidade aspectos que englobam o dinamismo tripartite (corpo, alma/mente e espírito), que ao se unir com os fenômenos coletivos resgata não só a importância de vivermos na unicidade do eu, mas de caminharmos para o coletivo encontrando nele a soma do sentido existencial que é acolhida por aspectos *arquetípicos numinosos*. Sendo assim, torna-se necessário destacar que, para a Psicologia Complexa,

o espírito entendido como ‘instrumento para se atingir a outra margem’ indica uma ligação entre a função transcendente e a ideia de espírito ou de si-mesmo. Como a natureza incognoscível do espírito, isto é, do inconsciente, sempre se apresenta à consciência sob a forma de símbolos — o si-mesmo é um destes símbolos —, o símbolo funciona como ‘instrumento para atingir a outra margem’, ou, dito em outras palavras, é um instrumento de transformação. (JUNG, 2011, v. 11/5, § 810, p. 41)

Para tanto, propor um diálogo plural para os estudos da decolonialidade em diálogo com a Psicologia Complexa é um desafio que convoca o humano ao despertar

---

<sup>6</sup> Expressões arquetípicas infinitas, sem forma definida.

<sup>7</sup> São energias psíquicas femininas e masculinas, presentes em cada ser humano. Normalmente dissociadas devido a fatores de complexidades relacionais, presentes nos enlaces que constituem o eu, o tu e o nós.

de suas sombrias projeções coloniais. Além disto, o convida ao autoconhecimento que reconhece em si os complexos que autonomamente eclodem do indestrutível eu, que pode e deve chegar à síntese dos conflitos interpessoais e intergrupais, culturais e aculturais, intelectuais e intuitivos, ou seja, das forças conscientes e inconscientes que mal canalizadas intersectam uma salutar convivência planetária impedindo-nos de reconhecer que

o problema das determinantes invisíveis da psique continua tão vivo quanto antes. O inconsciente coletivo é a formidável herança espiritual do desenvolvimento da humanidade que nasce de novo na estrutura cerebral de todo ser humano. A consciência, ao invés, é um fenômeno efêmero, responsável por todas as adaptações e orientações de cada momento, e por isso seu desempenho pode ser comparado muitíssimo bem com a orientação no espaço. O inconsciente, pelo contrário, é a fonte de todas as forças instintivas da psique e encerra as formas ou categorias que as regulam, quais sejam precisamente os arquétipos. Todas as ideias e representações mais poderosas da humanidade remontam aos arquétipos. Isto acontece especialmente com as ideias religiosas. Mas os conceitos centrais da Ciência, da Filosofia e da Moral também não fogem a esta regra. Na sua forma atual eles são variantes das ideias primordiais, geradas pela aplicação e adaptação conscientes dessas ideias à realidade, pois a função da consciência é não só a de reconhecer e assumir o mundo exterior através da porta dos sentidos, mas traduzir criativamente o mundo exterior para a realidade visível (Jung, 2011, v. 8/2, § 341-342, p. 103).

Sabendo que realidades invisíveis coexistem com fatos visíveis (empíricos), o abandono aos sistemas de desagregação social, cultural, educacional, religiosa e espiritual requer intervenções interseccionais, certa abertura para cargas emocionais que, agregadas aos determinados padrões comportamentais coletivos, despotencializam os *fenômenos turvos*, provocando, assim, uma visão de mundo capaz de capturar na força dos opostos forças reluzentes e espontâneas que evocam estados de limpidez e empatia, como meios que carregam em si tonalidades afetivas capazes de estruturar potentes nascentes interculturais.

Estes fatores nos levam a constatar que todo caminho carrega em si um horizonte transformacional original (embrionário, subjetivo), capaz de reavivar intersubjetivamente nascentes adormecidas, quando a essência (natureza humana) é respeitada, pois todo novo ciclo

nasce como um botão de rosa desabrochando, e, ao final deste movimento, permanece em si mesmo (em sua essência), mas já totalmente modificado pela irradiação de uma outra beleza que o reconfigurou. (Ferreira, 2024, p. 275).

Como nos afirma Jung em *O homem e seus símbolos*, este despertar é necessário para que o humano moderno perceba que

à medida que aumenta o conhecimento científico diminui o grau de humanização do nosso

mundo. O homem sente-se isolado no cosmos porque, já não estando envolvido com a natureza, perdeu a sua ‘identificação emocional inconsciente’ com os fenômenos naturais. E os fenômenos naturais, por sua vez, perderam aos poucos as suas implicações simbólicas. O trovão já não é a voz de um deus irado, nem o raio o seu projétil vingador. Nenhum rio abriga mais um espírito, nenhuma árvore é o princípio de vida do homem, serpente alguma encarna a sabedoria e nenhuma caverna é habitada por demônios. Pedras, plantas e animais já não têm vozes para falar ao homem e o homem não se dirige mais a eles na presunção de que possam entendê-lo. Acabou o seu contato com a natureza, e com ele foi-se também a profunda energia emocional que esta conexão simbólica alimentava (Jung, 1977, p. 95).

Relevante destacar que, para Jung, a Psicologia é uma ciência, e não uma visão de mundo, mas assim como o peixe não sobrevive fora d’água, visões de mundo e ciência são pares de opostos que também devem se unificar em benefício do próximo. Seu vasto percurso busca analisar o fenômeno religioso, espiritual e místico manifesto na cultura ocidental (com suas prevalências empíricas) e oriental (embebidos respeitosamente em energias metafísicas), para apreender no fluir das diversas ideias psicológicas fatores que religam o humano ao Suprapessoal.

Portanto, o *arquétipo do numinoso* manifesto no universo das diversificadas tradições, nas plurais vivências — através das manifestações dos símbolos vivos — continua sendo fatores de influência direta no devir humano, caminho que pode levá-lo a experienciar proximidades com o inesgotável *Selbst* (Si-mesmo). Totalidade psíquica que resgata valores de vivências singulares e coletivas, proativas e respeitosas, consolidando assim nascentes interculturais em um mesmo tecido que compõe o macrocosmo.

Sabemos que a razão (pensamento lógico-dedutivo) e o sentimento (par de opostos também pertencente à razão) tendem a se somar com a sensação e com a intuição (pares de opostos irracionais-visionários-construtivos). Estas quatro funções psíquicas, que ora se sobrepõem, ora declinam, acentuam o estranho em nós, delineiam processos existenciais destrutivos e construtivos, impondo necessidades planetárias de reconciliação.

Basta olhar para a história regressa e milenar, que iremos perceber que o ideal europeu, regido por um sistema patriarcal de dominação consciente e inconsciente, ressurgiu com sua repulsiva força em inusitados lugares, mas não extinguiu mobilidades espontâneas que novamente irão ressurgir das cinzas. Eis, portanto, a importância de continuarmos adentrando no pensamento construtivo e moderno de Jung, seus escritos nos apontam para o entendimento do “caminho daquele que virá” (Jung, 2020, p. 229), capaz de unir o espírito de épocas remotas ao espírito do presente.

## 4 A RELATIVIDADE DO MUNDO E O RESGATE DOS POVOS ORIGINÁRIOS

Na transição entre os séculos XIX e XX, tempo em que viveu Jung, prevaleceu uma razão cega aos fenômenos ocultos da alma, o que fez com que os seus escritos fossem guardados no limbo científico, pois suas pesquisas científicas eram estranhas até mesmo para teorias da Psicologia Profunda, que se encontravam em destaque. Ciente de que a força intuitiva (irracional) compreendida como expressões mais profundas da alma retomam as forças intuitivas, mesmo quando sufocada. Jung busca equalizá-la com as quatro funções psíquicas supracitadas, o que faz com que sua teoria encontre sintonia no retorno do Sagrado que se manifesta crescentemente na era pós-moderna. Como nossa força vital é espontânea e permanece presente nas profundezas da alma, Jung nos alerta, em *Civilização em transição*, que

as grandes inovações jamais vêm de cima, sempre de baixo, como as árvores que não nascem do céu, mas germinam do solo, ainda que suas sementes tenham caído do alto. O abalo do nosso mundo e o abalo de nossa consciência são uma e a mesma coisa. Tudo se torna relativo e por conseguinte questionável. E, enquanto a consciência, hesitante e duvidosa, contempla este mundo questionável em que ressoam tratados de paz e de amizade, de democracia e ditadura, de capitalismo e bolchevismo, cresce o anseio de seu espírito por uma resposta ao tumulto de dúvidas e inseguranças (Jung, 2011, v. 10/3, § 177, p. 97).

Em meio a uma série de relatividades, povos indígenas continuam mantendo sua força vital, pois é nas entranhas que ela circunda o humano, demonstrando que os símbolos vivos que escapam ao entendimento lógico, por estarem mais próximos das expressões do espírito, mesmo que mal compreendidos não excluem manifestações que pertencem à totalidade psíquica. Tudo deve se somar aos atos intelectivos que pseudo-mapeiam questões psicossocioculturais.

Como verdades são nascentes atemporais, constatamos, na própria história humana, movimentos espontâneos que, ao unificarem nossas quatro funções psíquicas, provocam o despertar de equiparações coletivas. Estes desmantelamentos das atitudes unilaterais aproximam proposições cosmológicas e junções transcendentais. Como adverte Jung em *Presente e futuro*, precisamente no subitem *Cosmovisão e modo de observação psicológico*,

a separação de sua natureza instintiva leva o homem civilizado ao conflito inevitável entre consciência e inconsciente, entre espírito e natureza, fé e saber, ou seja, à cisão de sua própria natureza que, num dado momento, torna-se patológica, uma vez que a consciência não é capaz de negligenciar ou reprimir a natureza instintiva. O aumento do número de indivíduos que chegaram a esse estado crítico coloca em ação um movimento de massas que se apresenta como defensor dos oprimidos. Assim, como a tendência predominante da consciência é procurar a

fonte de todas as suas necessidades no mundo exterior, pressupõe-se acriticamente que as modificações externas, de ordem política e social, hão de solucionar os graves problemas de cisão da personalidade. Daí decorre que, onde essa exigência é satisfeita, incorporam-se circunstâncias políticas e sociais que provocam, embora de maneira diversa, as mesmas necessidades, à custa dos valores morais e espirituais que fazem de uma simples civilização uma cultura. Nesse tipo de situação, o que acontece é, de início, uma pura inversão: o que está embaixo vai para cima, a escuridão ocupa o lugar da luz e, como isso sempre se dá de maneira anárquica e turbulenta, a liberdade do oprimido “libertado” precisa ser, necessariamente, restringida. Expulsa-se o diabo com Belzebu. E ele permanece inequivocamente porque a raiz do mal não foi absolutamente tocada, passando a vigorar apenas a posição contrária (Jung, 2011, v. 10/1, § 558, p. 51-52).

Entre relatividades e forças opositoras entramos em contato não apenas com a força dominante do mundo Europeu, mas com naturezas que por pertencerem à essência do humano prevalece refletida na psicologia identitária e coletiva. Mesmo que nas prevalências da mentalidade do humano europeu forças científicas, econômicas, culturais, regidas por atos discriminatórios, massifiquem os povos da América do Sul, nenhuma atitude é suficiente para acorrentar fenômenos nativos, principalmente porque “a ciência termina nas fronteiras da lógica, o que não ocorre com a natureza que também floresce onde teoria alguma jamais penetrou” (Jung, 2011, v. 16/2, § 524, p. 193).

Reduzidos ao suposto esquecimento, povos autóctones (indígenas) demonstram que tudo o que é reduzido ao mundo da fantasia, dos efeitos mágicos, das leis espirituais e da subjetividade encontra primazia na força que faz com que o mundo original permaneça ligado ao mundo físico, ou seja, que o sentido primeiro retorne equalizado.

Jung, ao enfatizar o humano microcosmo, que em atos formativos ou deformativos, consciente ou inconscientemente, reage aos afetamentos do macrocosmo, que foram sufocados em suas forças psíquicas intuitivas, espirituais e místicas carregadas de histórias e memórias afetivas, permite-nos analisar atitudes que podem aflorar o reencantamento das expressões originais da alma humana. Em seu conceituado livro *Tipos da Personalidade*, o autor nos alerta que a

vida brota ao mesmo tempo de fontes límpidas e turvas. Por isso falta vida a toda ‘pureza’ demasiada. Toda renovação da vida passa pelo turvo e avança para o límpido. Quanto maior a limpidez e a diferenciação, menor será a intensidade de vida, precisamente porque foram excluídas as substâncias turvas. (Jung, 2011, v. 6, § 457, p. 257).

Neste sentido, trazer à consciência o retorno reflexivo dos opostos que continuam bailando no processo de expansão global que elegeu e ainda permanece no modelo de dominação e discriminação, seja ele social, econômico, tecnológica, racial,

religioso, espiritual, científico, sexista, dentre outros, é de extrema importância e necessidade para vidas que lutam por relacionamentos regidos pela alteridade e pela empatia (enteropatia).

Somente a partir de análises que requerem associações, amplificações e novas acomodações podemos gerar limpidez aos estados relacionais turvos, que ainda com uma acentuada desproporção, permanecem presentes no nosso existir e coexistir, em comunicações colonizadoras que fazem renascer não só como força oposta, mas como força empática, nascentes interculturais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, cabe ao humano pós-moderno permanecer atento ao fato de que tentativas de poder (dominação) continuam existindo na realidade diversa da psique e essa energia reverbera acentuadamente na *anima mundi*. Mediante uma vasta observação somos capazes de perceber que fenômenos religiosos e espirituais disputam espaços identitários, povos indígenas continuam sendo encurralados, afrodescendentes dizimados, populações brancas e pardas de classes sociais baixas são julgadas inferiores, mendigos permanecem desprovidos de visibilidade social, questões de gênero não se equalizam, relações desarmônicas com o reino animal e com o meio ambiente ameaçam a sobrevivência do planeta e que instrumentos de poder reacendem novas guerras.

Talvez porque o humano menos consciente de sua própria natureza continua se retroalimentando de ciclos provenientes da herança colonial que, alimentada por uma força instintiva cega, não só desorienta os oprimidos, mas faz com que os próprios opressores experimentem o retorno de forças originárias.

Portanto, escolhemos tocar nestes *pontos turvos* que ecoam desde o colonialismo, do qual vivemos e continuamos de certa forma vivendo de imposições que inibem fenômenos expressivos da alma humana, para continuar lançando luz em nossos atos errôneos e repetitivos. Estes atos reforçam obscuridades e atrocidades que tentam de diversas maneiras trancafiar os *desvelamentos mais profundos da alma humana* em contínua conexão com o Suprapessoal.

Porém, é na própria história da humanidade que observamos que, mesmo colocando a força da psique embrionária no *locus* da invisibilidade singular e/ou plural, o humano primordial ressurgem em meio ao caos, demonstrando que não é a

força egóica e/ou a falta que nos edifica, mas sim atos construtivos e criativos que, conectados à essência tecida entre os eventos do passado, presente e futuro, constroem um novo tempo de limpidez e esperança.

Neste sentido, a abordagem interseccional, o pensamento decolonial, as nascentes da interculturalidade e a Psicologia Complexa de Jung nos conduzem a caminhos que nos levam a *olhar para o desenvolvimento da humanidade* com lentes mais apropriadas, pois, ao nos provocar com suas análises sobre a natureza humana em seus diversos campos de atuação dominante, nos convoca a promover reencontros que, em síntese, nos reconectam com a energia contida na *anima mundi*, essência primeira que tudo cria e recria, ligando passado e presente em prol de um futuro mais digno, empático e solidário, ou seja, nos convoca ao *reencantamento* que permite que os estados genuínos de sementes espirituais, com a riqueza dos seus degradês, floresçam para compor integralmente a nossa *frater anima mundi*.

## REFERÊNCIAS

FERREIRA, Soraya Cristina Dias. **O humano a caminho de um centro mais profundo**: leituras da alma apresentada por Edith Stein e da totalidade psíquica por Jung. São Paulo: Dialética, 2024.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HOLLIS, James. **Nesta jornada que chamamos vida**: vivendo as questões. São Paulo: Paulus, 2004.

MOURA, Eliana Perez Gonçalves de; TEIXEIRA, Luiza Figueiró. Descolonizar o pensamento: sobre a colonialidade da psicologia. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, vol. 07, n. 12, p. 98-111, dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/colonialidade-da-psicologia>.

JUNG, C. G. **A natureza da psique**. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011. (Obras completas de C. G. Jung em português. v. 8/2).

JUNG, C. G. **Aspectos do drama contemporâneo**. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011. (Obras completas de C. G. Jung em português. v. 10/2).

JUNG, C. G. **Civilização em transição**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011. (Obras completas de C. G. Jung em português. v. 10/3).

JUNG, C. G. **Estudos experimentais**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011. (Obras completas de C.G. Jung em português. v. 2).

JUNG, C. G. **Psicologia e religião oriental**. 7<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 2011. (Obras completas de C. G. Jung em português. v. 11/5).

JUNG, C. G. **Presente e futuro**. 6<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 2011. (Obras completas de C. G. Jung em português v.10/1).

JUNG, C. G. **Tipos psicológicos**. 4<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 2011a. (Obras completas de C. G. Jung em português v. 6).

JUNG, C. G.; FRANZ, Marie-Louise von. **O homem e seus símbolos**. 21<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

JUNG, Carl Gustav. **O Livro Vermelho**: Liber Novus. Editado por Sonu Shamdasani; prefácio de Ulrich Hoerni; tradução de Edgar Orth; introdução de Gentil A. Tilton e Gustavo Barcellos; revisão da tradução de Walter Boechat. Petrópolis: Vozes, 2010.

SIMONDON, Gilbert. **A individuação à luz das noções de forma e de informação**. São Paulo: Editora 34, 2020.

***Conflito de interesses:*** A autora declara não haver conflito de interesses.

***Recebido em:*** 16-06-2026

***Aprovado em:*** 20-06-2026

***Editor-gerente:*** Moisés Sbardelotto